

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
GECIMONIA NASCIMENTO DE BRITO

A INCOMPLETUDE DO AMOR EM “MADAME BOVARY”

PALMAS - TO

2017

GECIMONIA NASCIMENTO DE BRITO

A INCOMPLETUDE DO AMOR EM “MADAME BOVARY”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de letras do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, como exigência para obtenção de grau licenciatura em letras.

Orientadora: Prof. Dra. Sylmara Barreira

PALMAS – TO

2017

GECIMONIA NASCIMENTO DE BRITO

A INCOMPLETUDE DO AMOR EM “MADAME BOVARY”

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de letras do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, como exigência para obtenção de grau de licenciatura em letras.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA AVALIADORA

Dra. Sylmara Barreira
IFTO – Campus Palmas

Dra. Nahete de Alcântara Silva
IFTO – Campus Palmas

Dr. Rivadávia Porto Cavalcante
IFTO – Campus Palmas

AGRADECIMENTOS

Ao magnífico criador de tudo, nosso Deus, o autor da minha vida.

À todos os professores e á todos os meus colegas e familiares pela qual foram de suma importância, pois foi com ajuda deles de alguma forma que alcancei mais um degrau de minha vida. Em especial agradeço minha orientadora Prof^a. Dra. Sylmara Barreira, amiga, mãe, pois, ela é tudo isso e muito mais na minha vida.

Ao meu amigo Onildo que incentivou me ajudou orientando nos trabalhos que tive que produzir.

A minha patroa por incentivar e organizar meus horários sempre que eu necessitava para adequação de meus estudos.

A minha filha por fazer diversas caminhadas para universidade e ter se comportado durante todas as aulas.

Enfim, agradeço á todos.

Dedico este trabalho em especial para minha filha Polliany, e para todos os meus professores do curso de Letras por ter feito parte de mais um crescimento profissional de e conhecimento de minha vida.

“O pássaro que alçar voo acima da planície da tradição e dos preconceitos deve ter asas fortes. É um triste espetáculo ver pássaros fracos, feridos, exaustos, adejando de volta à terra”. (Kate Chopin. The awakening)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Desenvolvimento.....	12
2.1 França, século XIX.....	12
2.2 Flaubert por seus pais.....	14
2.2.1 Baudelaire.....	14
2.2.2 Guy de Maupassant.....	15
2.2.3 Marcel Proust.....	17
2.2.4 A repercussão da obra no Brasil.....	18
2.3 Voilà, le roman.....	19
2.4 Feminino e feminismo.....	23
2.5 Sonhos, devaneios e delírios.....	28
2.6 O Bovarismo.....	33
2.7 L'amour.....	34
3. Metodologia.....	38
4. Considerações finais.....	38
Referências.....	41

RESUMO

O presente trabalho objetivou estudar a trajetória da vida de Emma Bovary, personagem principal da obra *Madame Bovary*, do autor Gustave Flaubert, um dos clássicos mais famosos do mundo. Polêmico ao extremo, desde sua publicação, o livro traz à tona o realismo à literatura, entregando-nos uma personagem totalmente dona de si, por mais errada que seja. Procurou-se identificar a razão da incompletude do amor de Emma Bovary, uma mulher que tinha total controle de sua vida. A pesquisa explorou a literatura que discute as características do escritor Flaubert e que são identificadas na obra. Examinou-se também algumas atitudes de Emma como devaneios, histeria, sonhos e inconstância, buscando reconhecer as razões de seus desvios de conduta e não aceitação das regras da sociedade francesa do século XIX, que a levaram a uma vida de ilusões, contraditória, de adultérios, de negação de sua condição de mulher de sua época. Como aporte teórico foram estudados os autores Butler (2003), Dieguez (2010), Freud (1972), Hossne (2000), Lacerda (2014), Muller (2012), Kehl (1998). Este trabalho não tem a intenção de afirmar que somente as características de Emma estudadas formaram sua identidade contestatária, pois sabe-se que o ser humano tem múltiplas facetas e que nem sempre são apresentadas, mas que podem influenciá-lo e direcionar sua vida.

Palavras-chave: Flaubert. Emma Bovary. Realismo. Características

ABSTRACT

The present work aimed to study the life trajectory of Emma Bovary, the main character of the book *Madame Bovary*, written by Gustave Flaubert, one of the most famous classic books in the world. The novel was extremely controversial since its publication and brought the realism back to the Literature, offering to the public a feminine character who is totally master of herself, although sometimes wrong. The identification reason of the incompleteness of Emma Bovary's love was sought. The research explored the literature that discuss the characteristics of Flaubert and that can be found in his narrative. It was also examined some of Emma's attitudes such as daydreams, hysteria, dreams and changeability, trying to recognize the reasons for her behavior traits and her non acceptance of the 19th century society rules, which led her to a contradictory life, full of illusion, with adultery, a life denying her womanhood. As the theoretical framework, there have been studied the authors Butler (2003), Dieguez (2010), Freud (1972), Hossne (2000), Lacerda (2014), Muller (2012) and Kehl (1998). This work does not intend to affirm that only the studied characteristics of Emma Bovary constituted her challenging identity, as it is known that the human being has multiple facets and that they are not always presented, but they may influence and direct his/her life.

Keywords: Flaubert. Emma Bovary. Realism.Characteristics.

1. INTRODUÇÃO

A principal função da literatura é contribuir para o desenvolvimento do homem, atuando em sua formação acadêmica e profissional, indicando caminhos, explicitando prazeres e sentimentos. Muitas pessoas consideram a literatura como uma maneira de aprender a serem melhores, mais sábios e mais cultos, ou ainda, pelo prazer de divagar, de poder desatar as rédeas da imaginação.

Não importa a origem da obra literária, o importante é que se forme um elo entre ela e o leitor e que este a desvende, interprete e busque nela a essência que o autor tão generosamente ofereceu.

A obra pesquisada neste trabalho, *Madame Bovary*, é de autoria do conceituado escritor francês Gustave Flaubert, que leva o leitor a conhecer a época histórica que serve de pano de fundo para o enredo através das descrições de cenários, das atitudes dos personagens, dos ideais que permeiam algumas situações e do cotidiano de Emma e Charles Bovary em uma sociedade onde os anseios femininos não eram considerados. Seja pelo eixo temático, seja pela escola literária ou pela maneira de escrever e narrar os fatos, todos os escritores têm seus alicerces, suas bases literárias.

Embora Flaubert tenha declarado, na época em que escreveu seu romance, detestar o Realismo, sua obra foi escrita levando em consideração os preceitos do movimento realista. A obra *Madame Bovary* oferece muitas temáticas a serem exploradas, visto que é um exemplo do romance realista que marcou seu tempo, que chocou a sociedade francesa e sofreu críticas severas. A respeito desse episódio, o escritor Baudelaire expôs que se os juízes que analisaram a obra de Flaubert tivessem lido alguma coisa de reprovável no livro, eles o teriam absolvido, porque reconheceriam a beleza da obra.

Outra característica que fez com que a obra de Flaubert se destacasse foi que, no contexto da Europa da época, um romance se fazia necessário. O fluxo do texto de Flaubert oferece ao leitor uma narrativa lenta e contínua, com um narrador onisciente que descreve espaços e personagens como um grande quadro. Flaubert relata com objetividade, quase sem julgamentos. Esse narrador às vezes *Madame Bovary* não é imparcial ou mostra-se irônico. O Realismo de Flaubert faz um culto à arte, com a prosa elaborada, banalizando a burguesia da época e trazendo à tona a amoralidade.

Apesar de se mostrar realista, Flaubert coloca no enredo de *Madame Bovary* alguns detalhes românticos, herança dos folhetins, episódios trágicos marcados pelo destino. Através de recursos de estilo, a obra *Madame Bovary* sobrepõe à realidade material e vazia com a realidade imaginária e mais bonita, o que cativa o leitor. O romance é a denúncia de um falso romantismo, incrementado por também falsos princípios da educação feminina, já sem lugar na sociedade francesa da época, onde tudo era voltado para a figura masculina.

A temática escolhida para a pesquisa foi a incompletude do amor por parte de Emma Bovary, mulher que não se adaptava às exigências da sociedade por ter um temperamento inquieto, por ser sonhadora em demasia, por ter devaneios que levavam à histeria, por se deixar levar por vícios como o consumismo e atitudes como a traição, que lhe serviam como desculpas na procura do amor idealizado. Esse comportamento considerado liberal para a época a colocavam como adepta dos primeiros indícios do feminismo proclamado nos ideais da Revolução Francesa. A problemática da pesquisa é: Como a personagem/protagonista da obra *Madame Bovary* se desenvolve, frente à dicotomia “razões do amor” e “razões da sociedade”? A pesquisadora escolheu o referencial teórico que melhor validasse a proposta, com informações, críticas e pontos de vista.

Os aspectos da personagem central da obra *Madame Bovary* considerados negativos na época anteciparam os calores de emancipação e da afirmação da mulher. A “sombra” de Flaubert e as atitudes de Emma Bovary não foram radicais; mostraram a luta pela igualdade de direitos, a busca pela completude do amor de maneira sonhada pela mulher, mesmo que essa procura fosse considerada fora dos padrões da sociedade da época.

Sendo assim, justifica-se a escolha do tema. Ele é relevante, pois mesmo depois de muito tempo, a luta libertária da mulher continua e discussão dessa temática no trabalho poderá levar a uma reflexão sobre a relação mulher-sociedade-amor. O processo contestatório de Emma Bovary é pertinente aos dias atuais, em que se procura transformar a condição de subjugada da mulher e desconstruir a oposição homem-mulher. Outro ponto que mostra a importância da obra é que ela serviu de inspiração para outros escritores como Eça de Queiroz. O trabalho aqui apresentado objetivou investigar a relação entre as imposições da sociedade e da moral familiar e a não realização do amor em *Madame Bovary*. De modo específico, o estudo identificou as atitudes da protagonista de *Madame Bovary*, descreveu as exigências

familiares e sociais pertencentes ao contexto da obra e discutiu a trajetória da personagem principal, na tentativa de alcançar o amor idealizado e a liberdade.

2. DESENVOLVIMENTO

Por meio de um enredo simples e de uma narrativa direta, Gustave Flaubert deu origem a um dos maiores clássicos da literatura, revolucionando a escrita e tornando-se o grande representante da ficção realista.

O autor destaca Emma Bovary no romance e todos os outros personagens são secundários; servem ao propósito de mostrar o constante estado de frustração, de solidão, de insatisfação, de generosidade.

A obra sobre Emma Bovary mostra aos leitores o fascínio exercido por essa mulher que sonhava com aventuras maravilhosas, enquanto levava uma vida comum. A descrição de seus estados de espírito é tão precisa que foi forjado um termo para designar o mal que a consome: o bovarismo.

Em um romance considerado realista, Gustave Flaubert cria uma protagonista muito romântica, com problemas emocionais, com patologias, calores, palpitações, com fases de irritação ou de completa depressão.

Acredita-se ser necessária a ambientação do romance e da repercussão da obra para melhor compreensão da temática escolhida como objeto de estudo.

Primeiramente, contextualizou-se a obra na França.

2.1 França, século XIX

O romance *Madame Bovary* foi ambientado na França, no século XIX, em uma sociedade adoecida, buscando horizontes, organizada por estratos sociais. Uma época marcada pela artificialidade, formalidade e exagero, típicos do Romantismo. Uma época em que as pessoas estavam sem rumo, buscando um sentido para suas vidas, e onde a mulher era resignada e submissa.

Após Napoleão Bonaparte deixar definitivamente a política francesa (após a derrota em Watterloo e o posterior exílio na ilha de Santa Helena), a Europa precisava reorganizar o continente. Houve consequências sérias para a política europeia sobretudo na França, onde retornaram ao poder os Bourbons.

Uma nova constituição foi feita e dessa forma instituíam-se um governo fortemente elitista. Com Carlos X não foi diferente, houve uma completa restauração absolutista com apoio nos ultrarrealistas, nobreza e clero. No entanto, o povo francês, liderado por Luís Felipe de Orleans proporcionou uma experiência interessante de luta contra o conservadorismo, as Jornadas Gloriosas, revoluções de 1830 que levaram ao fim o governo de Carlos X.

Luís Felipe assume o poder, ficando conhecido como o "Rei Burguês", governou de 1830 a 1848. Promoveu uma reforma na constituição, mas manteve o voto censitário, instituído com Luís XVIII, privilegiando, logicamente, a burguesia e excluindo o povo do jogo político. Luís Felipe passa a ter um governo voltado para a burguesia, aqueles que o auxiliaram a chegar ao poder, republicanos, bonapartistas, socialistas, enfim, foram deixados de lado.

Logo estouraram movimentos contra essa situação, foram revoluções que levaram ao fim do governo de Luís Felipe. Elas ficaram conhecidas como: Primavera dos Povos. Esse nome se deve ao fato de que esses movimentos não ficaram restritos à França, se espalharam e estimularam a eclosão de revoltas em outras regiões.

As várias facções que participaram da Revolução de 1848 organizaram um governo provisório na França que teve como responsabilidade a criação de uma República na França 1848 a 1852 (chamada II República, a I foi na Revolução Francesa). Nas eleições realizadas, Luís Bonaparte obteve vitória. Em 1851, Bonaparte, que era sobrinho de Napoleão, fecha o parlamento e se torna ditador. Em 1852 foi realizado um plebiscito, onde a população decidiu sobre a criação de um novo império. Luís Bonaparte foi coroado como Napoleão III, era o início do II Império Francês que durou de 1852 a 1870.

No II império Francês, o que se destaca é a sua política externa, afinal de contas foram muitos conflitos travados: Guerra da Crimeia (1854-1856), intervenção no México (1862-1867), apoiou a independência da Moldávia e da Valáquia, apoiou os piemonteses na unificação italiana, no entanto na defesa de Roma se voltou contra os unificadores.

Mas, a principal guerra na qual o II Império Francês participou foi a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) onde, na Batalha de Sedan (1871) Napoleão III foi feito prisioneiro. Assim chegou ao fim o II Império Francês, um momento marcado por guerras, mas também marcado por avanços culturais, afinal de contas, Paris se transforma na conhecida "Cidade Luz", exatamente nesse momento. Uma cidade

onde eram realizadas feiras mundiais de tecnologia e inovações, muitas delas frutos da II Revolução Industrial.

Passado o II Império Francês, a França ingressa em uma nova república, a III República Francesa que durou até 1940.

Nessa conturbada França foi publicada a obra de Flaubert, considerado um dos romances mais lidos do mundo.

A respeito de sua obra, foram consultadas algumas considerações elaboradas por seus contemporâneos.

2.2 Flaubert por seus pares

Optou-se por estudar três escritores contemporâneos de Flaubert e suas críticas, para embasamento do trabalho.

2.2.1 Baudelaire

Baudelaire (1821- 1867), como Flaubert, sofreu um processo judicial por imoralidade de seu livro " Les Fleurs du Mal". O processo que sofreu Madame Bovary aconteceu entre janeiro e fevereiro de 1857 e Baudelaire em agosto do mesmo ano, tendo ele, diferentemente do romancista, sido condenado no dia 20 de agosto. Em 16 de outubro de 1857, ainda o poeta publicou em L'Artiste um artigo sobre *Madame Bovary*, no qual aproveita para ironizar com desprezo os seus próprio juízes.

Baudelaire comenta que desde Balzac toda curiosidade pelo romance desaparecera, apesar de uma série de tentativas apontadas por ele. Mas, conclui, depois do romance balzaquiano, ninguém havia conseguido o que Flaubert fez: retratar uma pobre provincianazinha adúltera, cuja história, sem imbróglios, compõe-se toda de tristezas, de desgostos, de suspiros e de alguns desmaios febris arrancados a uma vida terminada em suicídio”

Flaubert, de acordo com Baudelaire, conseguiu popularidade no primeiro lance. Em um tempo em que o público tinha cada vez menos entusiasmo pelas coisas do espírito, o romancista se encontrava ante uma sociedade absolutamente embotada. Flaubert tira proveito da confusão dos espíritos e da ignorância universal. E, então, encerrando os mais quentes sentimentos na mais trivial das aventuras, o autor compreende que na província encontrará o terreno da tolice, o meio mais

estúpido, o mais pródigo em absurdos, o mais abundante em imbecis intolerantes. Nela, “a arraia – miúda que se agita em funções menores, e o adultério, que é o dado mais gasto, mais prostituído, serão os elementos dessa aventura. E nela haverá uma heroína, bastando – lhe ser bela, ter nervos, ambição, aspiração por um mundo superior que a tornarão interessante.

Segundo Baudelaire, na verdade, vê em Emma Bovary muitos traços que a aproximam do poeta, como, por exemplo, seu dandismo, seu amor exclusivo à dominação, o arrebatamento pelos sofistas de sua imaginação. E o poeta agradece a Flaubert pela criação dessa mulher.

A partir das observações da sociedade de sua época, munido de argúcia e ironia Flaubert cria Emma, uma mulher de atitudes masculinas. Baudelaire (apud FREITAS, 2013, p.28-29) comentou:

Só restava ao autor, para terminar a prova de força por completo, despojar-se (tanto quanto possível) de seu sexo e se fazer mulher. Disso resultou uma maravilha; é que, apesar de todo zelo de ator, ele não pode deixar de infundir seu sangue viril nas veias de sua criatura, e a sra. Bovary, para o que há nela de mais enérgico e mais ambicioso, e também de mais sonhador, a sra. Bovary permaneceu homem. Como a Palas armada, saída do cérebro de Zeus, esse andrógino bizarro manteve todas as seduções de uma alma viril em um encantador corpo feminino. (BAUDELAIRE apud FREITAS, 2013, p. 29)

Além de Baudelaire, Guy de Maupassant, como amigo de Flaubert, comentou sobre o escritor e sua obra.

2.2.2 Guy de Maupassant

Escreveu um estudo sobre Gustavo Flaubert. As palavras do amigo Maupassant vão dando ao leitor aquelas informações que julga importante: fato de que o pai de Flaubert se surpreendeu, sem se indignar, com a vocação de seu filho, pois julgava a profissão de escritor um ofício de preguiçoso e inútil; a dificuldade que teve para aprender a ler com nove anos; o fato de que foi crédulo e sedentário durante toda sua vida; que sendo grande observador, viveu ao lado do mundo e não dentro dele; que tinha uma beleza na juventude e que ficou terrivelmente abalado quando descobriu que era epilético. No entanto, a doença desapareceu na idade adulta para só retornar no fim de sua vida .

Maupassant relembra os momentos importantes do processo movido pelo Ministério Público contra ele até a difícil absolvição. Mas detalha, por outro lado uma história secreta que pode ser um ensinamento para os principiantes neste difícil ofício das letras. Segundo ele, após cinco anos de trabalho obstinado, Flaubert terminou essa obra genial, confiou-a seu amigo Maxime Du Camp que, por sua vez, entregou-a ao proprietário da *Revue de Paris*. Recebeu, então, uma carta do amigo, bastante singular, e seu conteúdo, que o abalou extremamente, deve ter colaborado, segundo Maupassant, para o desprezo que conservou pela opinião dos homens e sua ironia diante das afirmações ou das negações absolutas. Na sua carta, Du Camp (apud Maupassant, 1990, p.25-26) explica a Flaubert a sua concordância com Pichat, proprietário da revista, no sentido de que alguns cortes sejam feitos no texto de *Madame Bovary*.

Maupassant faz uma apreciação do romance de Flaubert, dizendo que o aparecimento de *Madame Bovary* causou uma revolução nas letras. Diz ele o quanto o romance de Flaubert é diferente, dando ao leitor a impressão de que as personagens, as paisagens, com seus odores, seu encanto, que os objetos surgem diante dele.

Em seu Estudo, Guy de Maupassant fala ainda da impessoalidade ou, mais ainda, da impassibilidade daquele Flaubert, que não admitia que o autor fosse, em momento algum, sequer vislumbrado, que deixasse transparecer em uma página, em uma linha, em uma palavra, uma única parcela de sua opinião, um simples vestígio de intenção.

O público acostumado aos romances água-com-açúcar e às façanhas inverossímeis dos romances de aventura colocou Flaubert entre os realistas, o que o irritou sobremaneira.

Em *Madame Bovary*, cada personagem é um tipo: o médico do campo, a provinciana sonhadora, o farmacêutico, o vigário, os amantes e até as figuras secundárias são tipos dotados de um relevo ainda mais enérgico, porque neles estão concentradas quantidades de observações de mesma natureza, e ainda mais verossímeis porque representam o *espécimen* típico de sua classe.

O que distinguia Flaubert era o fato de que acima de tudo ele era um artista.

A respeito do autor de *Madame Bovary*, Marcel Proust também tece seus comentários.

2.2.3 Marcel Proust

Proust escreveu um ensaio sobre Flaubert e *Madame Bovary*: "A propos du style de Flaubert". Proust considerou Flaubert um "gênio gramatical", modificador de toda nossa concepção de realidade, através de um estilo revolucionário. Ele afirma que "sua originalidade imensa, durável, quase irreconhecível, já que está de tal forma encarnada na língua literária de nosso tempo, ao ponto de lermos Flaubert sob o nome de outros escritores..." e insiste que a revolução na representação da realidade é expressa pela sintaxe diluidora da ação e do pensamento de tal forma que tudo se torna impressão. Flaubert cria quadros impressionantes, fazendo o leitor acompanhar "estados que se prolongam" e depois "cessam", ocorrendo o efeito de um pião que girasse diante dos nossos olhos suas diferentes fases.

Houve críticas favoráveis e também negativas a respeito de *Madame Bovary*, mas para a imprensa especializada, foi a moral ou a ofensa a ela, que desencadeou o processo judicial contra Flaubert.

A acusação contra a publicação da obra *Madame Bovary* é compreensível: justamente por estar inserido na corrente literária do realismo, Flaubert escancara a realidade do século XIX e desafia as convenções sociais, além de ironizar os romances sentimentais e folhetins, que considerava obsoletos. Emma Bovary, a protagonista, se vê encarcerada em um casamento infeliz com Charles, um médico de personalidade fraca, e em uma vida vazia e insípida do interior francês. A obscenidade vem quando Emma passa a manter casos amorosos com homens de "gostos mais refinados" e que alcançassem suas expectativas românticas.

Antes do processo a respeito da obra, *Madame Bovary* já havia sofrido cortes para prevenir possíveis acusações de imoralidade. Flaubert concedeu autorização contra sua vontade, mas depois se arrependeu, como se pode compreender em uma carta (FLAUBERT apud Muller, 2012 ,p.80)

[...] Consenti na supressão de uma passagem bastante importante, a meu ver, porque a Revista me afirmou que havia perigo para ela. Aceitei de boa vontade; mas não escondo que [...] naquele dia, arrependi-me amargamente de ter tido a ideia de publicar.[...]

Flaubert foi a julgamento e liberado, mais por sua arte, pela sua magnífica maneira de escrever, que pelos temas abordados em *Madame Bovary*. Foi

considerado um escritor de textos realistas, como na época eram considerados os textos que "ultrapassavam os limites" nos detalhes de suas descrições.

O romance *Madame Bovary* surgiu no Brasil oitocentista e foi publicado pela Editora Garnier tardiamente.

2.2.4 A repercussão da obra no Brasil

Madame Bovary surgiu no Brasil em meados do século XIX, em meio a uma variedade de romances, a maioria deles franceses. Mesmo estando à distância da França e tendo tantas diferenças sociais, políticas e culturais, o Brasil recebia os títulos de sucesso da Europa. Os escritores brasileiros também ampliavam o número de romances nacionais; o gênero ganhou muitos leitores. Os romances franceses, traduzidos ou não, eram muito divulgados.

O público leitor do Brasil tinha a seu dispor uma variedade de títulos, de novelas medievais a folhetins. Nesse mundo de leitura, em 1857, aparecem referências ao romance *Madame Bovary*, no jornal *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro. O correspondente do jornal em Paris anunciou uma análise da obra.

Bovary é um bom rapaz, simples de espírito, que exerce a medicina n`uma pequena aldeia a algumas léguas de Rouen. Viúvo, casa-se novamente com a filha de um lavrador abastado da vizinhança, moça ardente, faceira, inteligente e sobretudo sensual. Ella revolve o paiz e a casa com suas pretensões de elegância. [...].(Muller, 2010,p.161)

Madame Bovary passou a ser vendido no Brasil em 1858, discretamente anunciado pela Livraria Garnier, no *Jornal do Commercio*. Em edições seguintes, a mesma descrição continuou e o livro era disponibilizado somente na língua francesa. Em 1881, o romance *Madame Bovary* foi traduzido para o português e publicado em Lisboa. A única crítica que o livro recebeu no Brasil nos Oitocentos, foi uma condenação severa por Nuno Alvares, que o considerou imoral. Dificilmente um romance processado por ofensa à moral conquistaria elogios dos críticos brasileiros. Além disso, deve-se observar que o nacionalismo imperava; era preciso consolidar a literatura nacional e não comentar literatura estrangeira.

Após ter-se contextualizado a obra *Madame Bovary*, alguns detalhes da obra foram observados, para melhor compreensão das atitudes de Emma Bovary.

2.3 Voilà, le roman

Narrado em prosa impecável, o romance conta a história de Emma, que passa algum tempo em um internato de moças. São capítulos descritos em ritmo lento, com detalhes, e o leitor pode descobrir a fixação de Emma pela leitura de romances. O narrador da obra emite juízo de valores e opiniões pessoais. A linguagem é cuidadosa, como se fosse obra de artesanato. Usa de discurso direto livre.

Uma serviçal do convento levava livros às escondidas e Emma encantava-se com as histórias de amores, amantes, damas perseguidas, homens virtuosos e galantes. Como Flaubert (1981.) descreve:

Com Walter Scott, mais tarde, encantou-se com as coisas históricas, sonhou com arcas e menestrelis. Teria apreciado viver em algum velho solar, como aquelas castelãs de corpetes compridos, que, sob os ornamentos das ogivas passavam seus dias com o cotovelo apoiado sobre o peitoril e o queixo na mão esperando vir do fundo do campo um cavaleiro com uma pluma branca, galopando sobre um cavalo negro (FLAUBERT, 20...p.29)

Ou ainda:

Manipulando delicadamente suas belas encadernações de cetim, Emma concentrava seu olhar fascinado no nome dos autores desconhecidos que haviam assinado geralmente condes ou viscondes, ao final de suas composições (Flaubert, pp.34,35)

Emma volta à sua cidadezinha e casa-se com Charles Bovary, um médico de interior, viúvo, que ela pensa amar:.

Antes de casar, ela acreditava amá-lo; mas como felicidade que deveria resultar desse amor não aparecera, só podia ter se enganado, pensava. E Emma buscava saber o que significava exatamente, na vida, as palavras “felicidade”. “paixão” e “embriaguez de amor”, que tão belas pareceram nos livros. (Flaubert, pp.33, 34)

A vida de casada em uma área rural não atrai Emma, nada era como esperava. Seu marido não é ambicioso, era muito comum e Emma sente-se muito entediada e solitária.

Passava dias a esperar por convites para bailes e festas, ou até mesmo esperar por visitas.

Parou de tocar o piano, aborreceu-se com os trabalhos de tapeçaria e desenho. Não via razão para nada.

Nenhum lugar da casa lhe aprazia, mas eram principalmente nas horas das refeições que mais se irritava. Uma vida insossa, pensava. O fogão soltando fumaça, as paredes escorrendo, as lajes úmidas e a insipidez da comida era a própria insipidez de sua vida.

Emma tornou-se difícil, caprichosa, nervosa, com mudança de humor frequente. Teimava em não sair de casa e, de repente, abria as janelas, usava roupas leves. Ora maltratava muito a criada, ora cobria-lhe de presentes; jogava por vezes todas as moedas de prata que tinha para os pobres. Mas, sem ternura, sem bondade.

Flaubert assim narrou;

Emma empalidecia e tinha palpitações. Charles administrava-lhe valeriana e banhos de cânfora. Tudo que tentavam parecia irritá-la ainda mais. (Flaubert, pp. 60, 61, 62, 63)

Na segunda parte do romance *Madame Bovary*, Flaubert passa a narrar com um ritmo mais rápido, mostrando que rápidas também eram as mudanças de atitude de Emma.

Apesar de conhecer pessoas da vila onde vivia, Emma continua entediada e cansada do marido. Certo dia, Rodolphe Boulanger, um homem de posses, conhece Emma e a seduz. Emma acredita que, finalmente algo emocionante romperá sua solidão. Emma repetia para si mesma que tinha um amante e a felicidade que tanto buscava chegaria. Tudo seria diferente, tudo seria paixão e êxtase. Flaubert descreve seu delírio:

Lembrou-se então das heroínas dos livros que lera, e a poética legião daquelas mulheres adúlteras pôs-se a cantar em sua memória com vozes fraternais que a encantava. Ela se tornava como que uma verdadeira parcela dessa imaginação e percebia a longa sucessão de sonhos que fora a sua juventude, considerando-se o tipo de apaixonada que tanto invejara. Sofrera tanto! Mas agora triunfava, e o amor jorrava agora alegremente. (Flaubert, pp 158, 159,160).

O adultério mostra-se como uma possível abertura para fora da condição de confinamento em que se encontrava Emma, pelo menos em sua maneira de buscar o amor e a felicidade. Para a sociedade do século XIX, era como uma luta entre a moral passional e a moral burguesa.

Para Emma, a moral correta era a passional, individual, romântica, onde o amor era o objeto a ser alcançado, a qualquer preço. A moral burguesa concebia o

amor através do matrimônio, com direitos, deveres, organização e divisão de papéis entre homens e mulheres.

Emma via nessa moral burguesa o obstáculo para a concretização de seus sonhos.

Rodolphe e Emma planejam fugir juntos, mas ele abandona o plano e foge sozinho. Ela cai doente, mas algum tempo depois, apaixona-se por Léon, um jovem romântico e com ele vive uma idílica relação. Perdiam-se inteiramente na posse de si mesmos de tal forma, que consideravam a alcova onde se encontravam como sua verdadeira casa, na qual habitariam até a morte. Flaubert assim descreve essa entrega:

Léon saboreava pela primeira vez a inexprimível delicadeza dos requintes femininos. Nunca conhecera tanta graça de linguagem, tanta simplicidade na vestimenta, nem poses como aquelas, de pomba adormecida. Admirava a exaltação de sua alma e as rendas de sua saia. Além do mais, não era a mulher da sociedade, e casada? Uma verdadeira amante, enfim? Pela diversidade de seu temperamento, alternadamente místico ou alegre, ela lhe ia despertando mil desejos, evocando instinto e reminiscências. Era a apaixonada de todos os romances, a heroína de todos os dramas, a indefinível “ela “ de todos os livros de poesias. Revia em seus ombros a cor de âmbar de odaliscas no banho; ela usava o seu corpete comprido das castelãs feudais; ela se assemelhava à mulher pálida de Barcelona, mas era sobre tudo seu anjo! (Flaubert, pp 271, 272).

A relação dura tempos e é feita de avanços e recuos. Como se dançassem uma valsa iam e vinham.

Léon tinha a expressão de sentimento de perda e de infelicidade. Emma propõe obstáculos, protelando, dificultando e atizando o empenho amoroso de seu pretendente. Emma fala de seus deveres, depois de sua doença; Léon fala em virtudes, depois do desejo de morrer e ser enterrado com o presente que ela lhe dera, na troca famosa ambos tentam imitar um folhetim da moda. (Flaubert, p.137)

Com o tempo, Léon pareceu a Emma, subitamente, tão distanciado como os outros:

Oh, que impossibilidade! Aliás, nada valia a pena ser procurado, tudo era ilusório! Cada sorriso escondia um bocejo de enfado; cada alegria uma maldição; cada prazer o seu fastio, e os melhores beijos apenas deixavam nos lábios um irrealizável desejo de mais exaltada volúpia. (Flaubert, pp 289, 290)

A insatisfação de Emma torna a situação cada vez pior. Passa a contrair dívidas, ter mudanças de humor cada vez mais constantes, indo à agressividade.

Emma Bovary teve uma filha de Charles, o que a aborreceu ainda mais, já que esperava um filho homem, um filho a quem tudo seria permitido, a quem a sociedade nada negaria; alguém que poderia viver como ela, Emma, nunca havia conseguido. O amor materno não tomou conta de seu ser. Poderia ter em seu coração uma centelha desse amor, mas esse sentimento não foi suficiente para lhe acalentar a alma.

Nem a filha, nem o marido, nem a chance de uma vida simples no campo a faziam sair dos devaneios, dos sentimentos de não pertencimento.

O medo de perder o novo amante e a chance de viver o tão esperado “Romance romântico” vai aos poucos construindo a ruína da Madame Bovary. Ela se afunda em dívidas e o consumismo, comum entre os burgueses do século XIX, coloca-a num beco sem saída. Com o abandono de Leon, Emma não vê solução além do suicídio. As cenas que antecedem a sua morte, por envenenamento com arsênico são muito fortes.

Acredita-se que nesse momento da narrativa, os detalhes podem ser considerados naturalistas, com direito a agonia e detalhes médicos do sofrimento da personagem protagonista.

[...] Emma começou a gemer, a princípio muito fracamente. Sacudiam-lhe os ombros grandes arrepios e tornou-se mais branca do que o lençol em que cravava as unhas. O pulso irregular era agora quase insensível (Flaubert, p.233).

Depois da morte de Emma, Charles descobre estar falido e torna-se um pobre que luta contra a tristeza de perder o amor da sua vida. Mesmo quando descobre a traição da esposa, o amargurado Charles não toma as atitudes de um marido orgulhoso, o que era de se esperar na época. Pelo contrário, ele procura encontrar em Rodolfo algo que possa ter encantado Emma, que não destruía a imagem da esposa aos seus olhos.

Um dia em que Carlos foi à feira de Argueil para vender o cavalo – último recurso - encontrou Rodolfo. Mal se viram, empalideceram. Rodolfo, que apenas enviara o seu cartão, principiou por balbuciar desculpas, depois animou-se e levou o aprumo (fazia então muito calor, porque estavam em agosto) a ponto de convidá-lo a tomar um copo de cerveja. Sentado em frente dele, mordida o charuto, conversando, e Charles perdia-se em devaneios

diante daquele rosto que amara. Parecia-lhe tornar a ver alguma coisa dela. Era uma espécie de encantamento. Quisera ser aquele homem. (Flaubert, p.256).

O trágico e patético desfecho da vida de Charles Bovary é a morte por desgosto num dia qualquer, no jardim de casa. A filha Berta, esquecida por todos, começa a fazer parte do proletariado e trabalhar em fábricas depois da morte de quase toda a família.

Este trabalho de conclusão de curso objetivou analisar a trajetória de Emma Bovary, no contexto social do século XIX, sua vida no interior da França, para estudar sua **busca pela completude do amor**.

Para isso, depois da contextualização da obra, da repercussão que ela obteve na Europa e no Brasil e do resumo da narrativa, foram estudados alguns pontos considerados necessários para o alcance do objetivo proposto.

2.4 Feminino e feminismo

Ao analisar-se pontos da personalidade de Emma Bovary e suas atitudes na constante luta por ser diferente das mulheres da época e desse modo alcançar o amor pleno, foi necessário estudar o conceito de gênero, de feminilidade, feminino e feminismo, para saber a que ponto essas ideias influenciavam a protagonista do romance estudado.

O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo (naturalmente construído), formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadoras” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade e subjugação. Butler (2003) afirmou que

Sexo é natural e gênero é construído. Nesse caso, a biologia, mas a cultura se torna o destino. A divisão sexo/gênero funciona como uma espécie de pilar fundacional da política feminista e parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído (BUTLER, 2003, p.26)

Até que ponto Emma Bovary assimilava ideias que a levassem a criticar a conjuntura da sociedade francesa do século XIX, no que diz respeito às diferenças de gênero?

Os padrões de comportamentos e as regras sociais, definidos pelos comportamentos e valores, são apreendidos por meio de vivências. Um indivíduo

aprende um determinado comportamento porque as pessoas ao seu redor estão constantemente lhe ensinando.

No que diz respeito à educação da mulher francesa na sociedade do século XIX, percebeu-se pelas leituras que a mulher era educada para ser submissa, mas ao mesmo tempo, para assumir o comportamento de influência sobre o sexo masculino (detentor de liberdade), tanto na vida conjugal quanto na social. A mulher francesa aprendia a lidar com determinadas situações para conquistar os objetivos que deseja. Como cita Peralta (2000)

Esses objetivos poderiam ser o apresentar-se na sociedade com um vestido da moda, possuir um carro que a leve à ópera, pagar as dívidas de seus amantes, adquirir projeção social para si ou para seu esposo, adquirir status social, entre outros (PERALTA, 2000,p.1)

Com a Revolução Francesa e a expansão científica, as mulheres começaram a frequentar espaços sociais e de trabalho. Então, surgem alguns movimentos feministas, principalmente na Inglaterra e na França.

Consoante Hossne (2000),

Na literatura, filosofia e arte de toda a Europa, vai-se limpando a mulher de todos os aspectos de igualdade e, conseqüentemente, para dizer como Nietzsche, da desfeminização. Daí se segue que a imagem da mulher emancipada, e por isso feliz, acaba reprimida em favor de uma representação de mulheres que não querem viver como minoria e se destroem precisamente por sua qualidade de minoria: Bovary, Karenina, Effi Briest.(HOSSNE, 2000, p. 29)

Emma fazia parte dessa minoria, mas se excedia na procura pela liberdade.

Hossne (2000) acrescenta:

Justamente ao se iniciar o novo século, o XIX, multiplicaram-se, não só na realidade, mas também na literatura indícios de que a família burguesa havia se constituído daí por diante como desigual. Pôs-se em marcha o processo de discriminação contra a mulher na política e, portanto, não feminina, que iria importunar ao século com intermináveis debates sobre o direito das mulheres ao voto, o acesso da mulher aos estudos, ao casamento livre. A mulher solteira intelectual passa a ser figura de pilhérias como “solteirona” e como *blue stocking*. (HOSSNE, 2000, p. 29)

Emma não se encaixava nessa categoria; sua vida era buscar ascensão social.

Flaubert questionava a educação dada às mulheres na época, pinta Emma Bovary sentindo-se como uma estranha em seu próprio meio.

Assim descreve Tscherne) (1994,P.220)

Emma Bovary fora educada nos moldes do sistema patriarcal e influenciada por livros românticos, carregados de estereótipos machistas. Esses livros eram os principais veículos de informação do século XIX, e desempenhava um papel importante na sociedade burguesa da época, pois era uma das maneiras de se reivindicar o direito e o acesso ao conhecimento. Através de suas leituras, Emma realiza o processo de interpelação, um conceito retirado da teoria de Althusser que explica como o gênero é absorvido pelo indivíduo, por meio de uma tecnologia específica.

Essas leituras de Emma, conforme Flaubert, e a crítica realista, são uns dos fatores responsáveis pela ruína da personagem, pois o idealismo e a subjetividade a conduzem para um mundo de fantasias.

De acordo com Tscherne (2015)

as representações do feminino em uma obra literária, ao longo dos tempos, mostra a mulher à margem da sociedade. O discurso do homem aparece sobre a realidade da mulher. Isso gera um mal-estar do feminino da sociedade. Na narrativa Madame Bovary, esse discurso é refletido. Emma é condicionada a desempenhar vários papéis.

Mas, por um lado, na história, Emma Bovary é a idealização feminina de uma época, aquela que enxerga o homem como sua maneira de ascensão social. Por outro lado, quando Emma tem Charles como realidade, não o vê como um herói romântico, mas como uma pessoa passiva demais.

Entende-se que Flaubert brilhantemente consegue criar uma personagem central que capta o desejo feminino, mas que comete excessos. Ela quer lutar pelos direitos de ser diferente do considerado feminino, mas sua mente atribulada não a permite.

Conforme KEHL (1998, p.142)

Emma erra quando desmesuradamente delega ao homem a resposta de sua pergunta identificatória, impossível de ser respondida, referente ao que é ser mulher, em que ela deve se transformar para conseguir receber o amor do outro.

Mesmo demonstrando uma incessante e não alcançada busca por um amor idealizado, livre dos grilhões da sociedade francesa da época, Emma deixa transparecer ideais feministas.

De acordo com Hossne (2000), há um percurso denominado feminino no romance convencional e também no oitocentista:

O percurso feminino admite para a mulher uma única possibilidade viável de realização pessoal: o casamento, identificado ao amor, e, seguindo-se a ele, a maternidade. Para o homem, a realização pessoal passa pela profissão ou pela satisfatória posse de bens, pelo prestígio social, a política, ou, enfim, pela possibilidade de ascensão social propriamente dita. (HOSSNE, 2000, p.24)

Essa situação, pelo que se compreendeu da obra *Madame Bovary*, não satisfaz a Emma.

Em um determinado ponto do romance, Emma Bovary, insatisfeita com o casamento que não lhe oferece o amor que procura, busca esse amor no adultério. Quando se imagina que Emma tem atitudes feministas ao tentar ser diferente do que se esperava das mulheres na época, nota-se que esse adultério é ilusório porque Emma quer também a realização pessoal, mas reconhece que esse sonho fica restrito à mediação masculina.

Hossne (2000) descreve que

Emma não advoga para si a igualdade com o ser masculino. Reconhece este privilégio como inacessível à mulher e há inúmeras passagens no romance que atestam isso. Duas delas se destacam: a primeira é a aceitação incondicional de um padrão de virilidade que por si só pressupõe a desigualdade, a superioridade e a dominação; a segunda é o desejo de que o filho que gestava fosse homem e não mulher. Os elementos presentes desses dois trechos indicam a aceitação do ideal masculino sem questionamentos. (HOSSNE, 2000, pp 30, 31)

Conforme se pode concluir a partir das leituras de Hossne (2000), Emma não demonstra atitudes feministas. Antes, deseja a imagem feminina que encontra na literatura. Para cumprir-se como ideal do feminino, Emma vai se distanciando dele, conforme o romance se transcorre. Suas atitudes não são libertárias ou emancipadoras. Emma é convencional, mas infringe as regras da sociedade. O adultério que comete é um desvio de conduta, mas não tem caráter contestatório de feminista. Ela quer encontrar algo tradicional: o amor.

Hossne demonstra isso em sua obra:

Não é a um homem que seja seu igual que vai buscar nos amantes, mas homens que se pareçam mais com o ideal literário cuja base fundamenta-se na desigualdade, na superioridade e na dominação (HOSSNE, 2000, p.33).

A autora Freitas (2013) considera, na verdade, aspectos de androgenia na obra *Madame Bovary*:

A androgenia da personagem e a posição ociosa, “feminina”, de Flaubert, aproximam o criador da criatura. Flaubert empresta a Emma partes da sua vida e de seus conhecidos, mas isso não torna o romance “autobiográfico”. Percebem-se reflexos de Flaubert em Emma, não uma verossimilhança. (FREITAS, 2013, p. 29).

Todos os aspectos aqui mencionados em relação a características de Emma Bovary que ora sugerem o início do movimento feminista, ora demonstram uma procura pela liberdade que o homem do século XIX possuía, colaboraram para que a busca pelo amor e felicidade de Emma fosse tão intensa.

Michiles (2012), em seus estudos relaciona:

Flaubert, ao possivelmente projetar sua sombra em Madame Bovary, escreveu uma das mais importantes obras literárias de todos os tempos estabelecendo-se, como um dos fundadores do movimento realista, por meio de criação de Emma, uma personagem que exorciza seus aspectos “negativos e sombrios”, trazendo-os para a consciência e, conseqüentemente, para a história. Ninguém melhor que Emma Bovary para personificar essa urgência de trazer à superfície o novo conceito feminino. (MICHILES, 2012.p.4)

No século XIX, o ideário de mulher era o da “rainha do lar” e Madame Bovary desempenhava ou interpretava o papel que era esperado dela, a *persona* da esposa séria, devotada, religiosa e preocupada com a salvação de sua alma. O ideal do amor almejado (insuflado pela literatura romântica) começa a rebelar-se contra a força do com texto moral que a cercava e as ideias liberais iluministas que pregavam liberdade passaram a morar na alma inquieta de Emma Bovary.

Mas, a vida dessa personagem era complexa. Na busca por uma completude através do amor, ela se perde em devaneios.

2.5 Sonhos, devaneios e delírios

Outro ponto interessante estudado no romance é a imaginação ou a ilusão, que podem ter feito diferença na busca de Emma pela felicidade e amor.

Conforme Hossne (2000, p.32), “Emma vive com a imaginação, através dela e por ela. É personagem do seu romance imaginário”.

Como herança de seus tempos de internato, Emma tem seus devaneios e eles a levam a caminhos considerados não convencionais para a época. Flaubert (2000) descreve seus sonhos de adolescente:

Durante seis meses, quando tinha quinze anos, Emma enxovalhou as mãos na sebenta poeira dos velhos gabinetes de leitura. Com Walter Scott, mais tarde, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com baús, salas de guardas e menestréis. Teria preferido viver nalgum velho solar, como aquelas castelãs de longos corpetes que, sob o trifólio das ogivas, passavam os dias com o cotovelo sobre a pedra e o queixo apoiado na mão, vendo aproximar-se, do fundo do campo, um cavaleiro com uma pluma branca a galope sobre um cavalo preto. Teve nesse tempo o culto de Maria Stuart e sentiu entusiástica veneração pelas mulheres ilustres ou desventuradas. Joana d'Arc, Heloisa, Inês Sorel, a bela Ferroniere e Clemência Isaura, para ela, destacavam-se como cometas sobre a tenebrosa imensidão da história (...)

FLAUBERT (2000, p.36)

Dieguez (2010), no artigo selecionado para a pesquisa, coloca que o problema de epilepsia do escritor Flaubert levou-o a pensar na força psíquica da fantasia e “interioriza” isso na personagem de sua obra mais importante. Emma Bovary não tem a mesma doença, mas, como cita Dieguez (2010), “a patologia mental das obras de Gustave Flaubert fazia de Emma uma “degenerada”, provavelmente histórica.

Ainda sobre a inconstância de temperamento de Emma Bovary, ideia que foi estudada nesta pesquisa, o autor Dieguez (2010) cita:

No momento em que a heroína do romance conhece Charles, seu marido, ainda está sob a influência da nostalgia do colégio de freiras e dos sonhos e histórias com “anjinhos de asas douradas, madonas, lagos e gondoleiros”. Acredita ter encontrado o amor, mas muito rapidamente se decepciona. Pouco depois do casamento, ela é tomada por um “inefável mal-estar, que muda de aspecto como as nuvens e turbilhona como o vento. (DIEGUEZ, 2010, p.2)

Por seus sonhos e devaneios, sua busca desesperada pelo seu objetivo, Emma Bovary foi comparada por alguns críticos a Dom Quixote, que como ela, terminou “assassinado pela realidade”.

A autora Kehl (1998) confirma:

Emma seria um Quixote de saias, interpretando suas fantasias numa vida guiada pelas histórias românticas que lia, assim como o personagem de Cervantes foi levado por seus romances de cavalaria. (KEHL, 1998, p. 159)

Pelo que foi estudado, Flaubert era um autor crítico, mas Emma, ao contrário do seu criador, não tinha visão crítica; ela se entregava à **fantasia**, reencenava as passagens mais tocantes. Era exatamente o tipo de leitor de que Flaubert não gostava. A falha dela, a causa de sua ruína, foi querer trazer para a realidade as **visões** de felicidade, não sabendo separá-la da ficção.

Há um exemplo disso na narrativa: Emma propõe a Rodolphe uma fuga: seu destino seria um cenário tropical, uma visão do paraíso que se aproximava muito de um romance que ela havia lido.

Em outro trecho do livro, há mais um exemplo dos sonhos de Emma: o casal Bovary foi convidado para um baile no castelo de um visconde. O baile de Vaubyessard a expõe ao mundo nobre e elegante, com luxo e sofisticação. Isso a inebria, pois ela vê, pela primeira vez, a realidade idealizada por ela. Mas, o casal nunca mais foi convidado e Emma ficou só com seus sonhos.

O autor Dieguez (2010) explica em seus estudos que as grandes obras da literatura universal permitem aos leitores uma reflexão sobre a alma novas emoções e ele pode, através da leitura, colocar-se no lugar do outro, vivenciando seus amores, paixões, etc.

Dieguez (2010) aprofundou-se nos seus estudos, procurando pensar psicanaliticamente sobre um dos romances mais lidos do mundo: *Madame Bovary*.

Para Dieguez (2010),

O livro desnuda aos poucos uma crescente decadência da vida interna e externa de Madame Bovary, ao retratar a desilusão e o desespero que a levaram a um fim trágico, fato que provocou um marco no realismo literário. (DIEGUEZ, 2010, p.3)

Foi encontrado embasamento teórico em Dieguez (2010), para a incompletude do amor para Emma Bovary. Diz Dieguez:

O adultério tornou-se um destino para Bovary em razão do desejo implacável de querer vivenciar novas experiências e emoções que pudessem desafogá-la do marasmo e da solidão crescentes. Não se importava com a possibilidade de ser rigidamente castigada pelo fato de transgredir os valores e a estrutura burguesa da época, cujo papel da mulher reduzia-se aos afazeres domésticos. (DIEGUEZ, 2010, p.3)

Pelas leituras feitas, viu-se que o predomínio do discurso da ciência na época era que havia uma tese segunda a qual a mulher nasce para ser mãe e para cuidar dos filhos, transformando seu corpo em propriedade do desejo masculino.

Emma Bovary não aceitou esse discurso. Ela reinventou o papel da mulher, não pensou duas vezes ao buscar caminhos que a tirassem da prisão da sociedade.

Emma esperava encontrar no ser amado aquela parte que lhe faltava, para ser considerada um ser completo. Era como se ela exigisse do homem que a resgatasse da não completude. E colocando esse desejo para ser satisfeito por outra pessoa, não se conformava quando esse sonho não se concretizava. Essa é a hipótese buscamos encontrar com o estudo da obra *Madame Bovary*.

Segundo Kehl (1998):

A frustração, em toda e qualquer paixão, é inevitável, pois em algum momento o apaixonado reviverá a decepção infantil da criança que perde a condição de exclusividade do desejo da mãe. Com isso, a existência do outro ganha corpo ao se libertar dos grilhões da fantasia do apaixonado, que o constrói a sua imagem e perfeição. O deslumbramento do discurso apaixonado não resiste ao teste de realidade, na medida em que o outro torna-se mais conhecido, além de ser humanamente impossível sustentar por longos períodos a alegoria narcísica forjada pela fantasia. (KEHL, 1987).

Seguindo as análises psicanalíticas de Dieguez (2010) e Kehl (1987), notou-se que o vazio que havia dentro de Emma refletia-se no seu profundo e perene estado de insatisfação. Nenhum dos amantes que ela teve conseguiu chegar perto da realidade que ela via nos livros. De acordo com Kehl (1987), ela não conseguia preencher esse vazio, porque ele é, de fato, impreenchível: Emma vivia em função de manter o desejo sempre insatisfeito.

A pessoa histérica, a que tem devaneios, de acordo com Kehl (1987), é aquela que sempre considera o outro decepcionante. Nada ou ninguém consegue agradá-la. Ela sempre vai ter desapontamentos; quer ser feliz, mas afasta-se de seu desejo e inventa um cenário na fantasia que a torna sempre vítima de um mundo infeliz.

Emma tentou fazer do marido um excepcional médico, não conseguiu; sugeriu a fuga com Rodolphe, não deu certo, pois o rapaz era sagaz e dissimulado; procura ser feliz com Léon, não consegue.

Estudiosos da obra mencionam que Flaubert, em suas crises de epilepsia e alucinações, pensou na força psíquica da fantasia e colocou essas fantasias, sonhos e histeria na personagem de sua obra.

Kehl (1987) entende que na consumação de adultério, Emma realiza uma fantasia, mas não uma fantasia simplesmente sexual, mas sobretudo literária.

Flaubert mostra na narrativa o ponto de histeria a que Emma chega:

Madame Bovary recebeu a carta de despedida de Rodolphe e, em seguida, avistou uma carruagem passando pela praça da cidade. E então, soltou um grito e caiu ao solo, de bruços, apresentando movimentos convulsivos. Daí em diante, viveu um período de catatonia, de prostração e novamente ficou paralisada, como se estivesse morta. (FLAUBERT, .p. 242)

Emma era sempre obrigada a matar mais uma personagem de sua vida: a figura do marido ideal, os amantes também ideais, etc.

Mas, a heroína não se entregava, pois havia um desejo que movimentava sua vida, Então, ela inventa outra personagem, diante de outra plateia, para continuar vivendo: a religião.

Com relação a isso, Flaubert (1981.) narra que:

Quando Emma se ajoelhava no genuflexório gótico, dirigia ao Senhor as mesmas palavras suaves que murmurava antigamente ao amante, em seus transportes de adúltera. Era para avivar a fé, fazer viver a crença. (FLAUBERT,1981.p. 247)

Além de Kehl (1998) e Dieguez (2010), Freud (1972) analisa casos aos quais os sonhos e devaneios que caracterizam as atitudes de Emma se assemelham. Em suas análises de *Gradiva de Jensen*, Freud explana:

Não devemos supor que os produtos dessa atividade imaginativa – as diversas fantasias, castelos no ar e devaneios – sejam estereotipados ou inalteráveis. Ao contrário, adaptam-se às impressões mutáveis que o sujeito tem da vida, alterando-se a cada mudança de sua situação e recebendo de cada nova impressão ativa uma espécie de carimbo de data de fabricação. A relação entre a fantasia e o tempo é, em geral, muito importante. É como se ela flutuasse entre três tempos – os três momentos abrangidos pela nossa ideação. O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito. Dali, retrocede à lembrança de uma experiência anterior, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da lembrança. Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une. (FREUD, 1972)

E Flaubert, ao escrever sobre um fato da vida de Emma demonstra os devaneios. O casal Bovary vai à ópera assistir “Lucia de Lammermoor” cujo enredo trazia uma protagonista que “soltava queixas de amor, pedia asas”. Seus anseios vieram de encontro aos de Emma. Segundo Flaubert,

A voz da cantora nada mais lhe era do que o eco da própria consciência; aquela ilusão que a empolgava, algo de sua própria vida. No mundo, contudo, ninguém a amara de tal forma. (FLAUBERT, 1981, P.258)

Tanto foi a identificação entre a personagem de Flaubert e a protagonista da ópera que Emma foi tomada por um delírio, conforme narra o autor;

Súbito, porém, tomou-a uma loucura: o tenor olhava-a, não podia duvidar! Teve ímpetos de correr para os braços dele, de refugiar-se em sua força, como na própria encarnação do amor, de lhe bradar; 'Rapta-me, leva-me; partamos! Para ti, só para ti meus ardores todos, meus sonhos todos! (FLAUBERT, 1981, p.260)

Freud (apud Lacerda, 2007) também comenta sobre a histeria considerando a fase primitiva de ligação da menina com a mãe, que comporta todas as fixações e repressões a que podemos fazer remontar a origem das neuroses. Freud (apud Lacerda, 2007) expõe que os sintomas da histeria têm forte ligação com a identificação parental. A menina se identifica com um sintoma materno e por meio desta identificação, expressa o desejo de usurpar o lugar da mãe junto ao pai.

Emma, ao voltar do internato demonstrou querer coordenar a casa paterna, como se fosse a dona dele, a esposa.

Diante desses aportes teóricos, pode-se considerar que a histeria e os devaneios de Emma formaram um pano de fundo para sua tragédia, para sua busca incessante.

O autor Dieguez (2010), ressalta que Emma vivia uma realidade paralela, algo patológico.

2.6 O Bovarismo

Dieguez (2010) não considera a obra *Madame Bovary* um romance de suspense moderno. Ele pondera que é uma história banal, com adultério, de uma mulher que se arruína por ter se perdido, perseguindo sonhos inspirados em romances "água com açúcar". De onde vem, então, o fascínio exercido por essa mulher cuja única particularidade é sonhar?

O ensaísta Gaultier (apud Dieguez, 2010) propôs esse termo em 1902 dizendo:

Emma personificou essa doença original da alma humana, para a qual seu nome pode servir de rótulo, se entendermos por “bovarismo” a faculdade que faz o ser humano conceber a si mesmo de outro modo que não aquele que é na verdade”. (GAULTIER apud DIEGUEZ, 2010).

Ou seja, o bovarismo consiste em “se imaginar” diferente do que se é. Gaultier (apud Dieguez, 2010) indaga em seus estudos qual seria a origem da patologia de Emma. Ele questiona sua educação em um colégio de freiras frequentado por garotas da alta sociedade, onde aos 13 anos ela foi submetida à influência de uma “garota mais velha”, que lhe disse para ler as sagas sentimentais e lhe deu livros:

Aquilo tudo não passava de amores, amantes, mulheres perseguidas, esmaçando em locais solitários, bosques sombrios, males de amor, juras, soluços, lágrimas e beijos, homens fortes como leões, suaves como cordeiros, virtuosos, bem vestidos e que choram como bebês. O efeito teria sido imediato.” Ela teria passado a sonhar em viver em algum velho palacete, como as castelãs de longos corpetes, que sob o trevo das arcadas passam os dias com o cotovelo na pedra da janela e o queixo apoiado na mão, olhando ao fundo da paisagem, para ver se do campo chega algum cavaleiro com uma pluma branca no chapéu, galopando um corcel negro”.

Outros psiquiatras definiram o bovarismo como “capacidade de imaginar a si mesmo melhor do que se é”.

Kehl (1998) em sua obra *Deslocamentos do feminino* diz que:

[...] toda mulher em transição para a modernidade seria uma bovarista, empenhada pela via imaginária em “tornar-se uma outra”e, ao mesmo tempo, capturada por uma posição na trama simbólica de completa dependência em relação ao que o homem poderia desejar dela. A demanda fálica dirigida aos homens (sempre insatisfeita), as formas sintomáticas de denúncia da impotência masculina em fazer dela uma mulher, as tentativas de manobrar o desejo do qual se fez objeto e o fracasso subjetivo dessa empreitada, fizeram da histérica a figura mais representativa da relação entre a mulher e a feminilidade, do final de século XIX até pelo menos a primeira metade do século XX. (KEHL, 1998, p.113)

Considerando as leituras, acredita-se que Emma Bovary tinha consigo as características comentadas pelos autores citados. Tinha uma vida imaginária, insatisfeita, com manifestações histéricas, buscando sua completude no outro, procurando a felicidade em um homem idealizado.

2.7 L' amour

Do início da narrativa de Flaubert até o momento da morte de Emma, a personagem não vivencia uma única experiência decisiva sem que esteja buscando sempre um ideal. A temática da obra é amorosa, mas para Emma, esse amor sofre imprecisas ameaças que o colocam à prova.

Emma vai de situações de equilíbrio à desequilíbrios, sempre buscando o amor. A autora Hossne (2000)

Ela deseja a imagem feminina que encontra na literatura, não questiona a ideia de que, como as heroínas que admira, seu caminho na vida esteja traçado predominantemente no terreno do Amor; entretanto, seu percurso pessoal, na tentativa de corresponder a esses dois pressupostos – o da imagem do feminino e o da relação com o Amor – revela o que há de falso nessa configuração. (HOSSNE, 2000, p. 33)

A moral burguesa é a que concebe o amor a partir da condição do matrimônio, condição que se baseia em direitos, deveres, organização, definição de papéis.

Essa seria a realidade da sociedade do século XIX, mas Emma não a aceita. A submissão, a entrega sem questionamentos, sem paixão, não fazia parte dos pensamentos ou vontades de Emma.

O obstáculo à união amorosa que Emma tanto almeja está representado pela exigência moral, e não pela religiosa: Ela colocava como objeto de seu amor algo que não seguia os padrões rígidos da época. Os amores eram considerados pela conveniência, pelo que podiam trazer de benefício, de ascensão social.

Como estava sempre com a alma despedaçada, Bovary não dispunha de recursos que lhe permitissem compreender o mundo que a cercava de modo a considerar seus limites e possibilidades.

Hossne (2000) coloca:

Emma Bovary faz o jogo da sedução ao interpor um obstáculo que é depois facilmente vencido. (HOSSNE, 2010, p.129)

Emma não tem noção de que vive em uma realidade paralela, de que o amor das leituras românticas não existia. Esse aspecto de sonho, de ilusão em relação ao amor acompanharia Emma por toda a vida.

Hossne acrescenta:

Insatisfeita com o casamento busca o amor no adultério. É um desvio, mas até certo ponto ilusório, na medida em que nele também a possibilidade de realização pessoal feminina fica restrita unicamente à mediação masculina. (HOSSNE, 2010, p.30)

A autora Hossne ainda comenta em sua obra:

No entanto, é importante observar que quase todas as expressões amorosas e todos os relacionamentos a que ela se entrega como parte de sua busca do amor – os adultérios - são marcadamente desenvolvidos de acordo com esse código de que ela é tão ávida. Não foi preciso ir muito longe para encontra-se com o código do amoroso; no entanto, ele se apresenta cada vez mais como uma convenção, ou cada vez mais como uma retórica diante de um mundo que não dispõe dos referenciais internos que a gerou. (HOSSNE, 2000, p 134.).

Para Emma, o amor de Charles, seu esposo perante a sociedade burguesa, seguindo os padrões, não a encantava. Ele não é como os heróis das suas leituras. Nem mesmo o nascimento da filha dá alegria ao indissolúvel casamento ao qual a protagonista se sente presa.

Ela precisa de mais, sempre mais. Busca no adultério o amor livresco, o príncipe que irá leva-la ao paraíso sonhado.

De acordo com Hossne (2000);

Emma, pela fresta do adultério, crê estar diante da concepção amorosa que procurava; contudo, esta encontra-se em essência inacessível. Somente seus efeitos e a retórica que os provoca estão disponíveis. Ela, assim, depara com a ruína de uma concepção de individualidade que, em parte, configura a sua própria ruína como indivíduo. Emma literalmente perece. (HOSSNE, 2000, p.135)

Ainda conforme Hossne (2000):

Há que se analisar a questão da cisão interna e contextual em que Emma Bovary se encontrava diante de sua busca do lugar da paixão. A via que ela estava prestes a trilhar em razão dessa busca enganosa via do adultério. O que se encontra de enganoso, ilusório, nessa via por onde a personagem envereda, revela-se na própria utilização retórica e farsesca do código, ou dos códigos amorosos, que a presidem, como se tem procurado demonstrar. (HOSSNE, 2000, p.143).

O amor fora do matrimônio burguês não leva Emma ao encontro da concepção de amor que ela persegue, porque o próprio adultério burguês padeceu dos mesmos males da perda da transcendência e das alterações da concepção da individualidade que o casamento. Males da sociedade francesa do século XIX.

O adultério acaba assim, oferecendo o mesmo que o matrimônio, como a própria Emma acaba por concluir: Tudo em vão.

Esse amor complexo, ilusório de Emma, levou-a a um final trágico, seguindo o padrão tradicional feminino romântico: o suicídio.

Pode parecer, a primeira vista, que Emma Bovary estaria, então, muito mais próxima da convenção no que diz respeito a relação entre a busca da paixão e a morte. Entretanto, a morte que aparentemente decorre do amor-paixão – anos depois seguida pela de Charles.

Consoante Hossne (2000):

Emma infringe a lei do matrimônio burguês baseado no acordo financeiro e essa é a principal causa de seu suicídio. Entre as duas escalas morais – a burguesa e a passional -, é na infração da norma burguesa da expressão amorosa – o matrimônio – que se encontra o delito causador de seu desespero. (HOSSNE, 2000, p.174)

O que precipita seu suicídio não é o amor, que adultério falha em repor como amor cortês ou romântico, mas as dívidas, a falência. Emma tenta essa reposição no adultério, mas fracassa e morre por infração à norma burguesa financeira, não amorosa.

A autora Hossne analisa:

Não é como a heroína infeliz, que morre por amor, que Emma sucumbe. Sua peregrinação em busca do dinheiro no final do livro renega passo a passo sua busca do amor- paixão, tal como elaborado durante o adultério – ela se vende, praticamente se prostitui, sucumbindo à lógica burguesa capitalista. Seu amor, tão insistentemente perseguido como concepção de uma interioridade subjetiva, de uma individualidade, vira mercadoria, objeto negociável. (HOSSNE, 2000, p. 174)

Não é por acaso, portanto, que o encaminhamento de Emma rumo às frestas relacionadas ao amor se faz acompanhar pelo universo da condição social. Ambos estão interligados na sociedade do século XIX. O acordo matrimonial burguês se fundamenta no aspecto da manutenção financeira. Quando a vida dupla de Emma começa a se esboçar às vésperas de ela se encaminhar ao adultério, o aspecto exterior que ela exhibe, e que lhe vale admiração e respeito, tem como uma das características mais prestigiosa sua adequação a esse contrato matrimonial-financeiro:

O contato com a riqueza abre um buraco na vida de Emma, a busca e a imitação da paixão amorosa abrem uma brecha na parede de sua situação conjugal. Percebe-se por que essas aberturas são, no fundo, o início de uma destruição.

Flaubert pintou sua personagem como essa mulher indecisa, incomodada, por vezes inescrupulosa, sempre procurando o amor.

Flaubert escreve:

Bovary (numa certa medida, na medida burguesa, tanto quanto pude, para que fosse mais geral e humana) será, sob esse aspecto, a soma de minha ciência psicológica e só terá um valor original desse ângulo. E após a publicação do romance, em 1856, o autor escreve em dezembro: A Bovary prossegue acima de minhas esperanças. Somente as mulheres me olham como um homem horrível: acham que sou verdadeiro demais (...). Creio ter posto na pintura dos costumes burgueses e na exposição de um caráter de mulher naturalmente corrompido tanta literatura e conveniência quanto era possível, dado o tema, bem entendido. (KEHL,1998, p. 82).

Não há arrependimento ou reviravolta no livro, nada de redenção, de final feliz. O romance foi considerado cruel por não apresentar saída. Para Emma, a morte era a única salvação.

De acordo com Kehl (1987), quando o amor ou a paixão matam, refletindo o protótipo do amor romântico, em recusa ao insosso amor burguês, é porque o amor exigiu para si manter-se apaixonado, não tolerando a frustração relativa à certeza da incompletude.

Kehl (1998) assim complementa esse parecer: “A vingança de Flaubert consiste na frustração, mesmo na mediocrização de todos os sonhos de Emma, até aqueles que ela consegue realizar – ou principalmente aqueles (...)”

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa desenvolvida foi de natureza básica, sem aplicação prática prevista. Será qualitativa, pois sua preocupação abordará aspectos da realidade que não podem ser quantificados. De acordo com GIL (2008, p.175), a capacidade e o estilo do pesquisador ditarão os caminhos para a análise dos dados. O espaço das relações, significados, aspirações e crenças são estudados.

Os objetivos propostos determinaram uma pesquisa de caráter exploratório, pois a pesquisadora levantará informações através da bibliografia selecionada, visando conhecer os aspectos da obra *Madame Bovary* que demonstram a incessante busca de Emma pela realização de um amor idealizado. Foi ainda uma pesquisa descritiva.

A problemática da pesquisa foi: Como a personagem/protagonista da obra *Madame Bovary* se desenvolve, frente à dicotomia “razões do amor” e “razões da sociedade” e a pesquisadora escolheu o referencial teórico que melhor validasse a proposta, com informações, críticas e pontos de vista.

A pesquisa procurou confirmar a hipótese de que as imposições da sociedade burguesa e a família como fundamento da moral, assim como características psicológicas atuam negativamente na busca da completude do amor, já que a libertação da mulher na época ainda encontrava obstáculos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Romantismo, o amor é o tema central da maioria das narrativas e ainda, uma maneira de existir e o escritor geralmente vincula o destino das personagens à realização amorosa.

Desse modo, muitos estereótipos de heroínas foram criados e a personagem feminina das narrativas deposita toda a sua esperança de felicidade, de completude na figura masculina. Durante muito tempo, a identidade feminina fundamentou-se no homem e nos ideais de amor e casamento.

Flaubert, em sua genialidade, desenvolveu uma personagem feminina em busca da completude do amor, mas cujo idealismo e subjetividade levam-na a ter fantasias e, desse modo, à distorção do real à sua volta.

A literatura ganhou um romance realista, com uma protagonista romântica e muito complexa.

Emma Bovary, através dos livros que lia, buscava a definição de conceitos como o casamento, o amor e o prazer. Mas, essas leituras não a conduziram ao alcance do que ansiava. Ao contrário, as leituras tornaram-na uma pessoa estranha na sociedade à qual pertencia e, para continuar sua busca, construiu uma vida baseada em delírios, em ficção.

O autor Flaubert arquiteta um romance cuja heroína foge da representação do feminino ao longo da literatura; Emma é condicionada a desempenhar diversos *etne* na narrativa.

Ela via no homem a chance de ascensão social, a cura de seus conflitos emocionais e a oportunidade de ser feliz como resultado de um amor. Por outro lado, Charles Bovary recebe de Flaubert algumas características consideradas “femininas” na época: passivo, resignado, por vezes subordinado.

Emma viveu contradições desde a infância. Seu pai era um pequeno agricultor, mas Emma recebeu uma educação elegante para que pudesse se casar com um homem de posses. A vida rude do interior não combinava com suas aspirações ou com o que lia nos romances. A fantasia do universo das leituras não a satisfazia e Emma torna-se consciente de que a sociedade francesa, principalmente a do interior, não permitia a concretização de seus sonhos.

O amor, para Emma, em seus delírios, mesclava-se ou confundia-se com o poder econômico que, na época, era concentrado nas figuras masculinas. Essa frustração leva Emma a desprezar a moral, a hipocrisia e a sujeição feminina. Inicia sua revolta calada, no plano do pensamento primeiramente, mas depois se torna agressiva e calculista.

Nesse ponto, acredita-se que a criação confunde-se com o criador, que também criticava a moral, a religião e a rígida educação feminina na França.

Emma interpreta os papéis que a sociedade lhe impõe: mãe, esposa, mulher religiosa e temente a Deus. Mas, realiza-os quando esses lhes são convenientes, quando podem lhe trazer benefícios e alento para seus inúmeros conflitos internos.

A protagonista de Flaubert não se adapta à sociedade provinciana, procura ter uma vida extravagante e fantasiosa, luta por liberdade e direitos que a mulher não possuía na sociedade da época. Esse estado de espírito leva-a a histeria, à alienação e à desestabilização. Sua vida desenrola-se entre o real e o ficcional. Ela não mantém uma estrutura familiar, não é o ideal de mãe esperado e, ainda, comete adultério e não se envergonha desse ato.

Além disso, Emma não atrai simpatia, só que a arte de Flaubert faz com que os leitores acompanhem sua trajetória com imensa atenção. Na verdade, ela é ambiciosa e medíocre, incapaz de amar ou de sentir empatia por alguém. Entedia-se facilmente e é impulsiva. O que a faz fascinante talvez seja o choque entre suas

aspirações e absoluta incapacidade de ser feliz. Emma é muito voltada para si, despreocupada com o sofrimento dos outros, vendo o mundo através dos estereótipos românticos nos quais vê a única felicidade possível.

Flaubert consegue mostrar que uma educação baseada na diferenciação dos gêneros pode resultar em uma espécie de violência simbólica, mas Emma, mesmo tendo uma consciência crítica em relação à situação da mulher no século XIX, não alcança o que buscou em sua breve vida: a completude do amor, a felicidade plena.

Em leituras sobre o Feminismo Liberal, acredita-se que Flaubert criticou a sociedade de modo contundente. Ele, como um narrador impessoal, mostrou o adultério de Emma Bovary como algo sórdido, mas ao mesmo tempo atraente aos olhos do leitor. Madame Bovary com os traços de melancolia, ironia, emoções e demonstração de hábitos imorais, traduz o início da luta pela emancipação feminina. Essa liberdade é ainda mostrada não como uma ausência de amarras, mas uma liberdade que, se usada sem a devida moralidade, pode se transformar em tragédia.

Entende-se que Emma Bovary pode ser estudada por várias perspectivas: uma mulher romântica e sonhadora e também, uma mulher moderna e questionadora para a época.

Ela não alcança o tão sonhado amor, a esperada felicidade, por se decepcionar. A vida dela se resume em buscar. A partir do momento que ela crê ter alcançado o objeto sonhado, decepciona-se e necessita ter outro objetivo, outro amor idealizado pelo qual lutar.

As seções estudadas neste trabalho e que englobam a histeria, os sonhos, os devaneios, o bovarismo e o amor foram analisadas para que se alcançasse o objetivo proposto e demonstrar que a incompletude do amor de Emma Bovary era inevitável. Com tantas facetas diferentes, com tantos desvios de atitudes, esse amor não passaria de um paraíso sonhado.

A incompletude do amor de Emma Bovary foi escolhida como temática deste trabalho e, depois de muitas leituras concluiu-se que vários aspectos da obra foram e podem ainda ser analisados. Uma obra tão refinada e cuidadosamente escrita oferece ao leitor vários temas: crítica ao consumismo, ao estilo romântico, ao adultério feminino, à mediocridade da sociedade francesa, à mediocridade de Charles Bovary, entre outros.

Considerou-se *Madame Bovary* uma obra fascinante, que se mostra diferente a cada leitura.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2003. 236p. Acesso em 18 de fevereiro 2017.

DIEGUEZ, S. **Emma Bovary e a realidade paralela: mente cérebro**, 2010, p.3. disponível em: <https://www.unip.br/ensino/posgraduação/strictosensu/comunicação/download> Acesso em 5 novembro de 2016.

ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE: Literatura universal. Tradução Ricardo Lísias. 1ªed. São Paulo: Moderna, 2008. Volume 2

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: Abril, 1981.

FREUD, S. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos**. Imago Editora: Rio de Janeiro. 1972

HOSSNE, A. **Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle**. SP: Ateliê Editora. 2000.

LACERDA, T. **Madame Bovary e histeria: algumas considerações psicanalíticas**. Contextos Clínicos, 6 (1) 62-72, janeiro-junho. 2014. Unisinos. Disponível em <https://www.revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2013.61.08>. Acesso em 4 novembro 2016.

MACHADO, Guacira, Marcondes. **Leitores de Madame Bovary**. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/lettres/article/view/2034>. Acesso em 8 de novembro.

MICHILES, H. **Sombra e feminismo em Madame Bovary**. IJUSP. Instituto Junguiano de São Paulo. SP. 2012. p.4

MULLER, Andréa Correia Paraíso. **De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary**. 2012. 346 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

Disponível: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000881737>:

Acesso em: 4 de novembro de 2016.

PERALTA, J. **A análise da utilização de estragemas femininos no século XIX**. 2000. Disponível em http://www.uel.br/revista/c_estragemas.htm. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

KEHL, M.R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. Disponível em: <https://www.unip.br/ensino>. Acesso em 6 de junho 2016.

TSCHERNE, M. **Desejos e conflitos socioculturais de Emma Bovary: o discurso feminista manifesto em pensamento**. Disponível em: https://www.travessiasinterativas.com/_notes/vol10/milca.pdf. Acesso em 17 de dezembro de 2016.